

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

13 e 18 de Fevereiro de 2023

A CINEMATECA COM O KINO – HISTÓRIA(S) DO CINEMA ALEMÃO

KOMM MIT MIR IN DAS CINEMA - DIE GREGORS / 2022

“Vem Comigo ao Cinema – os Gregor”

Um filme de Alice Agneskirchner

Argumento: Alice Agneskirchner / *Imagem (digital, cor):* Jan Kerhart / *Música:* Max Knoth / *Montagem:* Silke Botsch / *Som:* Ivonne Gärber / *Narração:* Senta Berger / *Com as presenças de:* Ulrich Gregor, Erika Gregor e outros

Produção: não identificado / *Cópia:* digital (suporte original, cor), versão original com legendas em português do Brasil / *Duração:* 155 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Berlim, 13 de Fevereiro de 2022 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca. São incluídos trechos de diversos filmes, devidamente identificados na cópia.*

As agitações políticas do célebre ano de 1968 e daqueles que se seguiram de imediato tiveram consequências nos dois mais importantes festivais de cinema no mundo, o de Cannes e o de Berlim. O de Cannes, que se desenrolara no mais famoso mês daquele célebre ano, foi interrompido ao cabo de poucos dias e nos meses que se seguiram alguém teve a ideia de fazer um “Cannes-bis” ou anti-Cannes. Mas a astúcia de Robert Favre-Lebret, que durante vinte anos (1952-72) foi Delegado-Geral do festival (de que seria presidente até 1984) esvaziou o projeto. Ele declarou aos que preparavam o “novo Cannes” que estava encantado com a ideia, pois há muito tempo queria alargar o festival e foi assim absorveu os seus adversários, integrando-os ao festival e tirando-lhes por completo a aura de opositores. Foi deste episódio que nasceu a Quinzena dos Realizadores, em 1969. Em Berlim, que já há alguns anos procurava demarcar-se de Cannes com uma maior presença de filmes “políticos” (além do quê, Berlim é uma metrópole e Cannes uma pequena cidade de luxo) deu-se algo semelhante. Devido à violenta pressão da extrema-esquerda, então no auge da moda, o trabalho feito pelos Amigos da Cinemateca em Berlim (de que fazia parte o casal aqui retratado) foi acusado de ser falsamente de esquerda, pois para o niilismo da extrema-esquerda nada era suficientemente radical e “revolucionário”. Foi assim criado em 1971, no âmbito do festival, o Fórum do Novo Cinema, que seria dirigido por muitíssimos anos por Ulrich Gregor com próxima e discreta colaboração da sua mulher Erika, cuja função era trazer ao festival, numa seção não competitiva, filmes que não pertencessem ao *mainstream*. Era e é quase um festival no interior do festival, função que hoje é tanto mais importante que Berlim já quebrou um tabu e exhibe mini-séries. Uma breve consulta sobre a programação no Forum em anos recentes dá-nos uma ideia clara das opções e da importância desta manifestação. Embora feito com cumplicidade com os “contestadores” e não com cínica e hábil hostilidade como em Cannes, o resultado foi o mesmo: os “radicais” tiveram o seu espaço e deixaram os demais em paz. Para a realizadora do filme que vamos ver, que tinha entre dois e três anos de idade quando estes factos sucederam, estes não foram vividos, pertencem a uma história longínqua, que ela tenta reconstituir neste longuíssimo retrato filmado.

Um bom programador de cinema, numa cinemateca, um festival ou uma sala de arte, é um mediador, nunca um professor. Por outro lado, não acompanha tendências, faz escolhas diante de objetos específicos, o que pode eventualmente criar tendências. Foi exatamente esta a atitude dos hoje octogenários Ulrich e Erika Gregor ao longo das dezenas de anos em que programaram filmes, primeiro em salas de arte, mais tarde simultaneamente nestas salas (mais exatamente numa sala, o Arsenal, cujo edifício foi

transformado numa creche...) e no grande encontro internacional anual berlinense. A ideia, como diz Ulrich Gregor no filme, era “*juntar o velho e o novo*”, isto é transmitir a consciência de que o cinema é um todo e que a sua breve história pode ser visualizada na sua totalidade, acompanhando ao mesmo tempo as suas incessantes novidades. Num trabalho constante, este casal de programadores tornou visível o invisível. Como numa cinemateca, os Gregor mostravam no Arsenal, ao longo do ano, clássicos do cinema, mas também filmes recentes, alguns dos países ditos “do Leste” (na cidade que foi o símbolo absoluto da Guerra Fria e de que cerca da metade ficava no “Leste”), outros não europeus. Os Gregor criaram um público fidelíssimo para o cinema *de autor*, que se desdobrava no público do Forum, que não era apenas berlinense e sim internacional.

Do ponto de vista formal, é pena que Alice Agneskirchner hesite entre uma visão direta e exclusiva do tema do filme – o trabalho de Ulrich e Erika Gregor – e ideias decorativas, que oscile entre a forma cinematográfica e o formato televisivo. As minúsculas entrevistas, algumas com personalidades célebres, inseridas como se fossem testemunhos ou análises cruciais, pertencem inegavelmente ao formato televisivo, o mais banalizador de todos, pois neste suporte nada pode ser desenvolvido ou ter uma duração contínua e longa, sendo a montagem de entrevistas uma regra de ouro, destinada a criar um consenso e apaziguar contradições. Em **Komt mit mir in das Cinema – Die Gregors**, estas entrevistas nada trazem de novo ou útil ao filme, ao passo que as longas conversas com os Gregor recapitulam os factos e explicitam as suas ideias, misturando elementos da vida pessoal do casal com o percurso profissional que tiveram juntos. O testemunho deles é mais do que suficiente e sobretudo é longo, não anedótico. Algumas ideias da realizadora são surpreendentes, como as imagens de uma lambreta pelas ruas de Berlim em 2021 para “ilustrar” a passagem em que Ulrich Gregor conta que tinha uma lambreta em 1960, como se o casal que vemos encarnasse ou reencarnasse o casal Gregor: neste caso, a palavra é mil vezes mais eloquente do que a imagem, sobretudo quando esta é uma pueril encenação. Mais extrema ainda é a “surpresa” de István Szabo telefonar para os Gregor precisamente no momento em que eles estão a rever um filme dele... Ainda que esta “coincidência” tenha acontecido na realidade, reconstituí-la num filme é uma opção singular. Talvez tivesse sido mais interessante e mais útil indicar as datas das numerosas imagens de arquivo utilizadas.

A duração do filme é sem dúvida excessiva, na medida em que tolhe o espírito de síntese e de conjunto, dispersa o olhar da realizadora e, por ricochete, o do espectador, o que não reforça a estrutura do filme., Como muitos atuais programadores de festivais, Alice Agneskirchner parece menos interessada pelo cinema propriamente dito do que pelas questões sociais e políticas abordadas nos filmes, o que a afasta várias vezes do assunto, afastando-nos dos Gregor sem nos aproximar verdadeiramente de nada. Ainda que a intenção tenha sido mostrar os desdobramentos do trabalho dos Gregor, o efeito atingido nem sempre é este. Mal embora Alice Agneskirchner tenha malbaratado, até certo ponto, as duas horas e meia de cinema que pôde se oferecer, **Komt mit mir in das Cinema – Die Gregors** tem o valor de um documento histórico sobre uma das mais importantes atividades de programação de cinema na Europa dos anos 70 aos 90.

Antonio Rodrigues